



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

BRUNA OLIVEIRA DOS SANTOS

**VOZES NO LABIRINTO ACADÊMICO: UMA ANÁLISE (AUTO)ETNOGRÁFICA DA
(RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE UMA ESTUDANTE DE LETRAS**

Brasília – DF

2023



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

BRUNA OLIVEIRA DOS SANTOS

**VOZES NO LABIRINTO ACADÊMICO: UMA ANÁLISE (AUTO)ETNOGRÁFICA DA
(RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE UMA ESTUDANTE DE LETRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Língua Portuguesa.
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Juliana de Freitas Dias

Brasília – DF

2023

AGRADECIMENTOS

Agradecer. Verbo em regência múltipla. Mostrar ou manifestar gratidão.

Assim sendo, faço meus agradecimentos àqueles que me ajudaram estar aqui hoje – minhas

JOIAS DO INFINITO.

Agradecer inclusive aqueles que me desmotivaram e falaram que eu não conseguiria chegar.

Ceguei!

Agora, agradeço, EM ESPECIAL, à minha joia do ESPAÇO, meu irmão, por sempre estar

disposto a me escutar em momentos turbulentos ao longo da graduação;

À joia do TEMPO, minha irmã, por ser minha força e fã número 1 do meu trabalho;

À joia da ALMA por ter sido, acima de tudo, incentivador do meu potencial;

À joia da REALIDADE, aquela que me garantiu força e capacidade para continuar;

À joia da MENTE, minhas meninas responsáveis por me divertir e aconselhar em diversas

situações da minha vida;

Por fim, aquela joia do PODER, conhecida por ser capaz de destruir um planeta se usada em todo

seu potencial, eu. Obrigada, Bruna, por ter seguido firme e forte!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. PALAVRAS APRISIONADAS	9
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES: VOZES QUE NARRAM	18
4. CONCLUSÃO: ELOS DE AUTORIA	23
REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

Há uma frase de Graciliano Ramos “*comovo-me em excesso, por natureza e por ofício, acho medonho alguém viver sem paixões*”. Volta e meia, quando penso nessa frase, enxergo a minha criança, apaixonada pela escrita que a reencontrou, de forma que não a deixarei sumir. A escrita para estudantes e profissionais de Letras, para além de ser um ofício, pode revelar-se como um espelho da alma, um reflexo das inquietudes e das fervorosas emoções que habitam cada sujeita-escritora. Ao trilhar o caminho da autoria criativa, mergulho na vastidão de experiências, buscando não apenas contar história, mas sim, como Graciliano, comover-me em excesso.

Peço licença a você, leitora¹, que espera um artigo tradicional, para apresentar meu trabalho de conclusão de curso em uma forma insurgente e criativa de escrita acadêmica. Ao adotar uma abordagem mais subjetiva, busco romper com o formato convencional, permitindo que minhas experiências pessoais e reflexões permeiem o texto. Esta escolha é respaldada por estudiosos que defendem a importância da subjetividade na pesquisa acadêmica. De acordo com autores como Denzin e Lincoln (2018), a inclusão da subjetividade pode enriquecer a compreensão, pois pode promover uma conexão mais profunda com o tema.

Esta pesquisa de final de graduação surge de uma conjuntura marcada não apenas pelo interesse acadêmico, mas também por uma imersão pessoal significativa. Durante um período permeado por intensos processos emocionais, provenientes de uma pandemia mundial² e de um luto pessoal decorrente do término de um relacionamento, encontrei-me imersa em reflexões profundas sobre identidade na escrita, expressão e autoria. Esse contexto pessoal desencadeou um profundo questionamento sobre como a escrita, especialmente no âmbito acadêmico, pode ser uma ferramenta de (re)construção consciente das identidades.

¹ Com o propósito de continuar subvertendo a escrita acadêmica, faço a escolha de marcar com o gênero feminino o gênero neste trabalho de conclusão de curso.

² Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Os coronavírus estão por toda parte. Eles são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. Informações presentes no site: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>.

O processo histórico colonial estabeleceu bases profundas que influenciaram a percepção da escrita acadêmica, promovendo uma crença arraigada de que apenas a expressão enquadrada nos padrões positivistas é legítima. A escrita acadêmica, nesse contexto, foi moldada para refletir esses ideais, buscando eliminar a subjetividade em prol de uma suposta neutralidade, desconsiderando a riqueza e a diversidade das perspectivas individuais e culturais. Esse legado persistente do colonialismo continua, ainda que haja um grande avanço, a moldar a compreensão do que é considerado válido no âmbito acadêmico, perpetuando padrões que muitas vezes silenciam vozes e experiências diversas, reforçando assim a hegemonia de um único modo de expressão intelectual.

O processo colonial nos leva, muitas vezes, a não questionar muitas coisas, ou pensá-las dentro de modelos que se repetem e são relacionados como caminho de sucesso. É preciso dar respostas a perguntas não respondidas (Lugones, 2014). E foi em busca por respostas e entendimento, em meio a essa fase delicada, adentrando os meandros da escrita acadêmica, que me deparei com lacunas na possibilidade de novas representações autorais em textos acadêmicos. O embate entre a padronização da escrita e a expressão autêntica das subjetividades em textos escritos no meio científico despertou o interesse por uma investigação que adentra os territórios da reconstrução identitária e da autenticidade em processos de leitura e de escrita.

Assim, esta pesquisa se tornou uma jornada pessoal de autodescoberta e redescoberta; um processo no qual a disciplina de Oficina e Produção de Textos (OPT) atuou como mola propulsora para essa motivação de estudo e aprofundamento surgirem em mim. Fui desafiada a libertar minha escrita dos moldes dos gêneros acadêmicos de costume, o que provocou uma sensação revitalizante de expressão. Esse movimento me permitiu explorar diferentes perspectivas, abrindo caminho para uma abordagem mais autoral.

Em relação à metodologia, este trabalho tem uma natureza qualitativa. A base para a construção deste trabalho de conclusão de curso se originou da minha imersão na disciplina de 60h – Oficina de Produção de Textos, parte do curso de Letras na Universidade de Brasília (UnB), durante o meu 7º semestre, no ano de 2023 –, que impulsionou o meu interesse em explorar a relação entre escrita e autoria criativa nos ensinamentos da linguagem, a consistência na minha autoria que essa liberdade me trouxe. Adoto uma abordagem (auto)etnográfica, a qual Cláudio Moreira e Marcelo Diversi (2017, p. 3) acreditam que pode ajudar a ouvir o Outro, a se relacionar, a ressoar, a cooperar, com um coletivo. Sendo assim, busco trazer à tona minha vivência pessoal como

elemento dinâmico para romper com a essencialização identitária, as representações preestabelecidas e as interpretações fixas da experiência com a escrita.

Baseio-me nos estudos desenvolvidos no âmbito da Análise do Discurso Crítica, doravante ADC (Chouliaraki; Fairclough, 1999, Fairclough, 2001, 2003), visando refletir sobre o processo criativo enquanto estudante de letras e concentrando-me na conscientização estilística da escrita. Neste contexto, propus análises reflexivas sobre os impactos dos textos autorais no contexto da escrita acadêmica.

Para realizar esse movimento, iniciei considerando minuciosamente meus próprios textos autorais presentes no portfólio da disciplina, considerando o significado identificacional do discurso (Fairclough, 2003), realizo uma leitura e análise crítica na intenção de explorar as complexidades da escrita de si nos trabalhos acadêmicos, destacando marcas e indícios de autoria nos meus textos e de outra aluna. Além dessa abordagem, reflito, brevemente, sobre a metafunção experiencial da linguagem (Halliday, 1994) no âmbito do trabalho acadêmico, explorando também a produção de outra estudante de letras nesse contexto específico. Além disso, estabeleci uma troca de ideias por meio de uma entrevista com uma graduanda participante dessa mesma disciplina, enriquecendo a pesquisa com perspectivas complementares.

Nessa pesquisa, focalizo, sobretudo, o significado identificacional da linguagem, ou seja, o modo como a linguagem é usada para construir, afirmar, negociar ou desafiar identidades dentro de um contexto social; ainda, a sua função textual, que segundo Fairclough (2003), não deve ser analisada de forma individual, mas sim incorporada ao significado acional e representacional – uma vez que há um sentido em que cada um desses aspectos se relaciona com os outros.

Fairclough (2001) explora os três efeitos do discurso, que se conectam intimamente com as três funções da linguagem: identitária, relacional e ideacional.

[...] a função identitária – “modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso”; relacional – “como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas”; e ideacional – “modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações”; acrescenta, ainda, a função textual – “como as informações são trazidas ao primeiro plano ou relegadas a um plano secundário, tomadas ou dadas ou apresentadas como novas, selecionadas como ‘tópico’ ou ‘tema’, e como partes de um texto se ligam a partes precedentes e seguintes do texto, e à situação social ‘fora’ do texto” (p. 92)

Ao focar no aspecto identitário, é possível desvelar como a linguagem atua na construção e reforço das identidades, contribuindo para a compreensão mais profunda das dinâmicas

discursivas. O modo como as palavras são escolhidas, os pontos de vista são expressos, os estereótipos são reforçados ou desafiados, as narrativas são moldadas e as diferentes linguagens não verbais são empregadas, tudo isso influencia a maneira como as identidades são formadas e representadas nos discursos e textos.

Dias, Coroa e Lima (2018) abordam a importância de um olhar consciente e crítico em relação à Educação; apontam para a escrita autoral criativa como uma das formas que nos convida a despertar essa consciência, tanto no processo de aprendizagem quanto no de ensino. A ideia central é que a escrita criativa não só envolve aprender a expressar-se de maneira original, mas também se conecta intimamente com o ato de ensinar, proporcionando uma abordagem reflexiva e inovadora na prática educacional.

A autoria criativa, nesse contexto, transcende a mera recepção e produção de textos. Ela se entrelaça com a construção das identidades da sujeita que lê e que escreve, com foco no papel do discurso na construção/transformação do ‘eu’, um processo complexo que pode ser vislumbrado sob a ótica da ADC e que se desdobra no espaço textual³. A autoria é tratada neste artigo de modo a não se limitar à redação de textos; não se trata apenas de um ato de comunicação; a autoria se relaciona com as relações textuais como processo criativo que revela aspectos da subjetividade, das experiências, das memórias e de perspectivas sociais e individuais.

O pensamento crítico, científico e criativo foi desenvolvido por meio da escrita criativa autoral, na realização dos percursos de aprendizagem, na medida em que o sujeito amplia sua percepção sobre a realidade, experimenta a formulação de modos de ser e de escrever, aprende a formular hipóteses, desbloqueia sua capacidade de criar soluções, e abre o fluxo de sua criatividade tão engessada pela cultura de escrita escolar vigente. (Dias, Coroa e Lima, 2018. p. 20)

Para seguir na minha caminhada da autoria, encontrei-me com as palavras da Juliana Dias (2023, p. 105), em sua recente publicação *Leitura e Produção de Textos*, sobre o processo de escrita, “nós acionamos um encontro entre o ‘eu’ e o mundo, entre o ‘eu’ do passado e o ‘eu’ do agora, entre ‘eu’ e ‘palavra’ autoral.” Este trecho, por um lado, me deixou emocionada. Por outro lado, fiquei intrigada com o quanto a escrita como poder – gesto de dominação – é vista em primeiro

³ O texto é a unidade mínima de análise da ADC, o qual é, de modo amplo, explorado o funcionamento social da linguagem.

plano, deixando para trás a sujeita que cria a si mesmo em seus textos. Entendo o processo de escrita como a forma como nos expressamos, como escolhemos representar nossa identidade quanto sujeita autora e experiências por meio das palavras que selecionamos. Essas palavras são nossa assinatura única, nossa forma de comunicar quem somos e o que pensamos. É sobre o constante diálogo entre a nossa identidade escritora, as experiências que vivemos e como escolhemos comunicar isso ao mundo.

Nesse processo, buscarei transitar fluidamente entre as esferas pessoal e política, explorando as interseções entre o meu eu individual e o coletivo, com o propósito de construir uma compreensão mais ampla e profunda. Trata-se de focalizar a construção de identidades sociais, ou a construção do ‘eu’ no discurso, e as formas com que o discurso contribui para processos de mudança cultural (Fairclough, 1992 [2016]).

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é apresentar reflexões sobre a relação entre falta de autoria, construção identitária e desafios na escrita acadêmica. Propor estratégias e reflexões coletivas que visem promover a autoria criativa e a (re)construção consciente das identidades no contexto universitário, estimulando a colaboração e a conscientização sobre a linguagem crítica. Faço isso por meio de uma abordagem (auto)etnográfica, pois, assim como as pesquisadoras do grupo GECRIA,⁴ acredito que a pesquisa deve ser sentida-pensada (*sentipensada*) não *para* ou *sobre* algo, mas sim *com*.

2. PALAVRAS APRISIONADAS

Façamos um pequeno exercício: em uma folha de papel, escreva três coisas que precisamos para poder escrever, três regras que você considera limitantes para escrita acadêmica. Mais à frente eu mostro o que apareceu na minha lista e te conto o que faremos. Considerando essa lista de palavras, proponho uma análise rápida para determinar se são termos que refletem uma visão positiva ou otimista ao descrever a prática da escrita e a conformidade com as normas gramaticais. Normalmente, pensar em escrever é atribuir uma imagem negativa e exaustiva para esse processo.

⁴ É uma comunidade de escrita criativa e autoral – Grupo de Pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa (GECRIA/UnB).

No universo vasto da escrita acadêmica, um abismo persiste, obscurecendo a (re)construção da identidade da sujeita escritora, a sua autoria expressa em textos e em ações, ou seja, a autoria que alcança facetas identitárias, afetando nosso próprio jeito de ser (Dias, 2023, p. 29). Para entender em que momento me senti aprisionada na escrita e/ou os porquês que me fizeram sentir livre, pretendo percorrer o caminho dos ‘erros’ que são moldados por uma norma, cujo eixo referencial é baseado no dualismo que nos diz o que é certo e o que é errado.

Com as palavras de Gianni Rodari em mente (1973), é possível considerar os erros como prováveis criações autônomas, especialmente quando consideramos sua capacidade de ‘abrir portas’ para uma realidade desconhecida. Percebo que, caso eu não ousasse ‘errar’, jamais teria como resposta um olhar mais vívido e mais crítico para o mundo. Em termos coletivos, como estudantes na nossa trajetória escolar/universitária, aprendemos a seguir caminhos “seguros” com medo de nossa existência não se encaixar nesse ‘céu imenso’ que é a vida acadêmica. Somos ensinados, desde muito cedo, a produzir uma lógica iluminista, positivista, assumindo um local neutro para nossa autoria, o qual colabora “afastando e ignorando todos os traços de diversidade entre os povos” (Ferreira; Souza; Lima, 2021, p. 20). Esse tipo de considerar a educação pode contribuir para a reprodução de crenças ideológicas que atuam como dominação entre pessoas e processos. O foco é simplesmente transmitir informações sem questionar ou estimular o pensamento crítico, ou ainda, repetirmos uma concepção de educação que perpetua valores binários, ideologias de poder ou sistemas de hegemônicos existentes, sem permitir a possibilidade de questionamentos e de transformação dessas estruturas.

Portanto, entende-se o uso da linguagem como forma de prática social, como modo de ação e como modo de representação, sendo contribuinte para todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem (Fairclough, 2019 [1992], p. 89).

Esse olhar é o que deveria ser pautado nas escolas e universidades: as funções da linguagem no discurso, com realce para consciência crítica discursiva. Vamos lembrar as palavras de Paulo Freire, que destacava a ideia de que ser professor não é algo inato, um talento natural, mas sim algo que se desenvolve. Logo, na prática de ensinar, é fundamental nos considerarmos como investigadores tanto do mundo ao nosso redor quanto de nós mesmos. Essa postura envolve nos prepararmos e nos capacitarmos com o compromisso de ser críticos e rejeitar um modelo de ensino que estabelece limites sobre quem tem a capacidade de aprender e ser educado.

Durante o semestre cursando a disciplina de Oficina de Produção de Texto, me vi questionando o porquê de tantos textos terem a mesma forma e até parecerem ter sido escritos pela mesma autora; sobre o porquê não posso escrever de acordo com as minhas características e particularidades, e essas reflexões me fizeram pensar sobre a falta de autoria criativa dentro da academia.

Parto de uma concepção de texto em sua dimensão discursiva, situada em práticas sociais, as quais se materializam em diferentes gêneros textuais, os quais trazem em si traços de ações sociais, relacionais e identitárias. O fato é que “o texto traz as relações sociais das pessoas envolvidas na interação, suas crenças, seus valores e suas histórias; o contexto sócio-histórico específico num mundo material particular” (Ramalho; Resende, 2011). Por meio de textos, é possível se comunicar na vida cotidiana, instruir pessoas, selar acordos, promover guerras. Os textos possuem distintas funções em cada contexto em que são produzidos. Tratando-se da universidade, diferentes textos são produzidos pelos atores sociais presentes nesse contexto, como textos de caráter burocrático (para obtenção de nota), textos didáticos, científicos, com propósitos e níveis de complexidade distintos.

Essa percepção de texto como parte discursiva empírica de eventos sociais baseia-se numa visão funcionalista da linguagem, que a entende como um recurso de que pessoas lançam mão em suas vidas diárias para interagir e se relacionar, para representar aspectos do mundo assim como para ‘ser’, para identificar a si e aos outros. Consequentemente, a linguagem é também resultado desse uso social. (Ramalho; Resende, 2011)

A autoria criativa é um processo em constante movimento no qual uma pessoa (re)define e (re)posiciona sua própria identidade enquanto sujeita escritora. Esse fenômeno não se restringe apenas à produção de discursos, mas se estende para toda a vida da pessoa. É uma expressão contínua de criatividade e reinvenção do “eu”, atravessada pelo corpo, pelas relações e pela cultura.

Esse olhar expandido para autoria, em termos de protagonismo social, é essencial para desenvolvermos uma escrita que seja crítica, reflexiva e consciente, assim como para assumir um papel ativo e influente na forma como nos expressamos por meio da linguagem (Magalhães, 2017). A pluralidade dentro da escrita existe, é preciso que seja valorizada e incluída dentro da escola e da universidade. O papel ativo da sujeita-escritora se molda através de sua capacidade de trazer à tona memórias e experiências, utilizando-as como ferramentas para compreender, questionar e

posicionar-se diante de temas diversos. É a partir desse acervo pessoal que se constrói uma voz própria, embasada em vivências, contribuindo assim para um discurso mais autêntico e reflexivo. Basta lermos Paulo Freire ou bell hooks e encontramos uma forma de escrita científica entremeada de narrativas de vida, com muitas marcas subjetivas concretizadas na linguagem.

Ninguém chega a parte alguma só. [...] Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. [...] (Freire, 1992)

A falta de autoria criativa pode se manifestar de várias maneiras. Ela pode surgir quando alguém se sente preso a modelos pré-estabelecidos, quando o foco é o resultado e não o processo da aprendizagem e da reflexão, quando não se consegue explorar novas perspectivas ou quando se limita a repetir padrões já conhecidos.

Essa falta de autoria criativa pode ser notada na rigidez dos discursos ou na repetição de ideias sem um toque pessoal ou original. Ao optar por outra atitude, passamos a assumir uma postura diferente de “suposta neutralidade linguística e discursiva” (Gottardi, 2023).

Em alguns contextos acadêmicos, há uma pressão para se aderir a uma linguagem padronizada, estruturas rígidas e estilos impessoais, o que é resultado do modelo ocidental/colonial-moderno da ciência – “centrado na dualidade, na causalidade e no pensamento linear e mecânico” (Dias; Coroa; Lima, 2018. p.31). Essa perspectiva resulta em textos que refletem mais as expectativas institucionais do que as reflexões de uma sujeita crítica, plural, humana, livre, consciente de sua história e capaz de ler e escre(ver) o mundo (Sousa, 2023).

Agora, volte a sua lista de palavras. Essas foram as minhas:

<p>Três coisas que precisamos para escrever...</p> <p>palavras criatividade <i>pensamentos</i></p>	<p>Três regras que você considera limitantes na escrita acadêmica...</p> <p><i>impessoalidade</i> primeira pessoa norma-padrão</p>
---	---

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Da mesma forma que eu, selecione uma palavra de diferentes conjuntos. Em seguida, realize mais uma atividade: Imagine uma lembrança de quando você era criança e teve o seu

primeiro contato com a Dona Gramática Normativa (Oliveira, 2021) – aquela que estabelece regras rígidas e padrões formais para a língua e o discurso, associada à ideia de uma entidade autoritária que impõe as normas, ditando o que é correto ou incorreto –;

Na colcha de retalhos da minha escrita, eu viajo ao passado. Ali no canto de tecidos desbotados estão os textos nunca relidos. Os pontos muito apertados, feitos de linha-padrão, e fiados por uma senhora mal-humorada, Dona Gramática Normativa, condenaram minhas palavras a um terrível e eterno destino: a fixidez. Todos os retalhos eram previamente escolhidos, medidos e organizados. A colcha nem existia, mas aquela velha já sabia como ia ficar (Oliveira, 2021)⁵.

E escreva, durante um período cronometrado de 7 minutos sem interrupções, uma carta para o seu eu-criança, com a condição de que as palavras escolhidas de cada conjunto sejam incluídas no texto que você escrever. Feito isso, podemos nos questionar: por que somos tão apegados às regras? Por que não usamos a primeira pessoa? Por que não nos permitirmos nos revelar em nossos textos(vida)?

Infelizmente, essa visão ainda prevalece em nossas escolas e universidades, são instituições de resistência reacionária⁶, são instituições que foram criadas para seguirem ordens, para gerarem cidadãos obedientes, são aparelhos ideológicos que, quando não rejeitam, resistem à mudança, a novas formas de ensinar e de aprender, a novas propostas, a novas teorias e métodos, o que nesse caso seria novo estilo de escrita, incluindo o *sentipensar* para incentivar a construção do sujeito-autor. E isso é um modelo que está enraizado, pois foi mantido historicamente por práticas e discursos hegemônicos que não priorizam a consciência crítica atrelada ao ensino da escrita e da leitura, nem a inclusão da diversidade, mas exercem poder em relação a esses indivíduos chamados ‘alunos’. Ficamos, assim, diante de um sistema que ignora essa realidade e que reproduz, pelos currículos acadêmicos, um *modus operandi* que não possibilita a escrita com marcas de autoria e estilo próprios.

Segundo Giroux (1997), é fundamental comprometer-se com a formação do estudante como um sujeito ativo, capacitando-o a transformar não só a si mesmo, mas também o seu contexto. Essa

⁵ Referência ao trecho de um artigo do Pibic/UnB escrito por uma estudante de letras.

⁶ A resistência reacionária, de acordo com Dias, Coroa e Lima (2018), ocorre quando “uma ação política que atua para a conservação das desigualdades e injustiças sociais, mantém os privilégios de certos grupos sociais. Um robusto e complexo sistema de reprodução ideológica e material, incrustado em diversas instituições sociais, é responsável por manter e defender a distribuição desigual e injusta dos bens materiais e simbólicos.” (p. 5)

visão contrasta com as práticas históricas que subjugam a visão de mundo do estudante em prol do exercício de poder por parte de estruturas dominantes.

Então, é aí que adotamos uma postura crítica quanto pesquisadora docente. Ao ter esse tipo de postura, podemos iniciar uma educação para transgressão e para a liberdade. A professora bell hooks (2013) enfatiza, em diálogo com pensamentos de Paulo Freire, a educação como um meio para a libertação, empoderamento e desenvolvimento crítico dos indivíduos. Na educação como prática de liberdade, as alunas são encorajadas a pensar criticamente sobre o mundo ao seu redor, a questionar as estruturas de poder existentes e a buscar sua própria emancipação intelectual e social. O objetivo é capacitar as pessoas para agir e transformar sua realidade, promovendo a liberdade pessoal e coletiva.

Por isso a importância do ambiente acadêmico e escolar nesse processo de reconstrução e de produção de novos métodos de *sentipensar*. Aí está a importância de valorizar o ‘eu’ e o ‘outro’, a sua historicidade, já que significa reconhecer *aquele*, reconhecer o poder de ação do sujeito. É esse processo que os autores reconhecem e nomeiam como autoria criativa, é a ressignificação do ‘eu’, que se manifesta por meio de discursos em particular, e da vida. O que é o caso desta pesquisa.

A partir do momento em que entendemos a importância do ‘eu’ no mundo, percebemos o entrelaçamento da prática teórica. E foi porque me vi perdida nessa matéria, no início, já que era estranho estar ali escrevendo levando em consideração os meus sentimentos em vez de artigos científicos altamente impessoais, que comecei a questionar: será que esse tipo de texto é possível no mundo acadêmico?

No quadro a seguir, apresento um recorte de um artigo acadêmico produzido por uma graduanda do curso de Letras Português para ser divulgado no II Simpósio Internacional de Educação ACECTS. Este trabalho foi produzido no formato de um relato de experiência que tinha como objetivo relatar as vivências da May (pseudônimo escolhido para a autora) em um estágio supervisionado em ambiente hospitalar e escolar.

Quadro 1 – Recorte discursivo

[...] Navegando por essas águas, tomei o norte de uma educação freiriana e segui desbravando. Realizei um estágio com a equipe pedagógica de um hospital público de Brasília, Distrito Federal, que deu corpo às teorias e legislações previamente consultadas, esmiuçadas e fixadas em minha memória. A importância de um estágio. Aquelas crianças e adolescentes não eram mais apenas uma ideia, eram corpos-vida diante dos meus olhos, me interrogavam e afrontavam toda uma perspectiva de formação docente do meu curso de licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

Fonte: MAY, artigo, 2023.

No recorte, a autora utiliza uma linguagem pessoal, metafórica e subjetiva para relatar sua experiência prática, destacando a transformação de conceitos teóricos em vivências concretas e o impacto dessa experiência em sua visão de formação docente. Essas marcações linguísticas e discursivas contribuem para a singularidade do relato, evidenciando a autoria e a perspectiva individual da autora no contexto acadêmico e prático.

O uso de expressões como “Navegando por essas águas” e “tomei o norte de uma educação freiriana” revela uma linguagem metafórica e subjetiva, demonstrando a perspectiva decolonial e dialógica da autora sobre sua jornada educacional. Essas expressões ecoam vozes acadêmicas, conectando-se a autorias críticas de outras pessoas, formando uma rede decolonial de autoria criativa que vem crescendo na universidade.

Fugindo do óbvio, ela ainda conecta sua experiência prática ao contexto de sua formação acadêmica, especialmente no curso de licenciatura em Letras Língua Portuguesa. Isso revela uma integração entre a teoria estudada na universidade e a prática vivenciada no estágio.

Pode-se notar a identidade da autora sendo (re)construída no texto que produz. Suas escolhas na linguagem mostram avaliações significativas em termos de identificação e autoria criativa. Em diálogo com a ADC, tem-se que o modo como as pessoas se expressam nos textos é uma parte importante da maneira como elas se identificam, ou seja, a estruturação de identidades (Fairclough, 2003).

De acordo com Halliday (1997), a língua é um sistema potencial de significados. Cada escolha gera uma série de novas opções que se especificam em redes de possibilidades, a partir das quais o falante cria os significados. Todos os três tipos de significação (ação, representação e

identificação) devem ser levados em consideração quando se trata de orações, sendo que apresentam três elementos principais: os processos (geralmente representados por verbos), os participantes e as circunstâncias (Fairclough, 2003).

As escolhas lexicais da May apresentam como sua perspectiva pode ser utilizada na análise textual de modo a enriquecer a análise das representações de espaço e tempo nos textos. Esses elementos representam diferentes aspectos da ação, contexto e envolvidos na experiência descrita no trecho do texto da autora.

CATEGORIA	TRECHO	SIGNIFICADO/IMPLICAÇÕES
PROCESSO	“Navegando por essas águas”	Metáfora da experiência ou jornada vivida pela autora.
	“Realizei um estágio”	Ação principal descrita no texto, indicando uma atividade realizada por ela.
	“Deu corpo às teorias e legislações”	Processo de tornar concreto algo abstrato (teorias e legislações).
CIRCUNSTÂNCIA	“por essas águas”	Expressão contextual que sugere um caminho ou trajeto.
	“previamente consultadas, esmiuçadas e fixadas em minha memória”	Circunstância de modo/tempo, indicando como as teorias e legislações foram trabalhadas e internalizadas.
PARTICIPANTE	“equipe pedagógica de um hospital público”	Participantes envolvidos no estágio, membros da equipe pedagógica.
	“aquelas crianças e adolescentes”	Participantes mencionados como parte do contexto do estágio, não apenas como ideias, mas como indivíduos reais.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Entretanto, em um contexto acadêmico colonial, muitas vezes se enfatiza o produto final do conhecimento em detrimento do processo de sua construção. Isso pode implicar que a autoridade do conhecimento é atribuída apenas ao produto acabado, desconsiderando os contextos, influências e relações que moldaram esse conhecimento. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), a experiência humana é entendida como um fluxo de acontecimentos e eventos materializados através de processos. Sendo assim, a ênfase excessiva no produto final pode mascarar as vozes,

perspectivas e contribuições de determinados grupos, perpetuando assim a hegemonia de certos grupos sobre outros.

Hoje, sei que para responder a minha pergunta, a qual vem de uma lógica colonial, é preciso retomar a imaginação, a inspiração e a intuição para assim olharmos para o nosso ‘eu’ do passado e entender as motivações do ‘eu’ do agora. O conceito de colonialidade é explicado por Maldonado Torres (2007, p. 43).

A colonialidade refere-se a padrões de poder de longa duração que surgiram como resultado do colonialismo, mas que definem cultura, trabalho, relações intersubjetivas e produção de conhecimento muito além dos limites estritos das administrações coloniais. Assim, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. A colonialidade se reproduz em livros, nas escolas e universidades, nos padrões culturais e estéticos, no senso comum.

Sendo assim, a necessidade de romper com a colonialidade na escrita acadêmica é intrínseca à busca pela autoria criativa. Questionar os discursos ideológicos em vigor demanda audácia para assumir riscos e empatia para com aqueles que se encontram em posições subalternas dentro das dinâmicas de poder.

Reforçando a ideia sobre os caminhos e as formas de escrita, Letícia Gottardi (2023), em sua dissertação, busca questionar os discursos ideológicos presentes na escrita acadêmica, desafiando estruturas de poder dominantes e dando voz às perspectivas subalternas, visando romper com estruturas fixas e desigualdades presentes na academia

A informação é moeda de troca no campo de batalha das narrativas; a ciência ainda é marca de validade da informação, por isso a violência colonial dentro da academia é naturalizada como validação do registro, na maioria – para não dizer em sua totalidade, pois estamos transgredindo isso a pequenos passos – por meio do registro científico escrito, categorizado como discurso acadêmico. (p. 82)

Assim, com essa perspectiva de desafiar os discursos ideológicos presentes na escrita acadêmica, descobri o poder transformador de ecoar minha voz, para que possivelmente possa romper com estruturas fixas e desigualdades. Percebi que entrar nesse processo de escrita não apenas possibilitou expressar minhas perspectivas, mas também se tornou um ato de decolonização do saber. É fundamental desnaturalizar a violência colonial presente na validação do registro acadêmico, permitindo que diferentes vozes e narrativas sejam valorizadas e reconhecidas dentro da academia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES: VOZES QUE NARRAM

Ao optar por uma abordagem (auto)etnográfica, acredito que é uma metodologia valiosa para a minha pesquisa, pois ela permite uma compreensão mais aprofundada de fenômenos sociais, culturais e identitários. Nesse contexto, estou incorporando a minha própria experiência quanto pesquisadora como uma ferramenta analítica significativa, pois tenho a liberdade de narrar minha história, permitindo uma exploração profunda das emoções, experiências e contextos históricos que moldam o contexto acadêmico.

Baseio-me em uma perspectiva (auto)etnográfica, inicialmente focando nos aspectos culturais e sociais ao meu redor (*outward* de acordo com Ellis e Bochner, 2000), olhando para fora, onde entra todos aqueles aspectos do processo de colonialidade em que vivenciamos, resistência à padronização.

Enquanto eu revisava minha trajetória na graduação, deparei-me com uma miríade de emoções que ecoaram nas palavras que escolhi para descrever os desafios e conquistas presentes nos textos do meu portfólio na disciplina. Expressões como ‘insegurança’, ‘expectativas’, ‘desânimo’ e ‘satisfação’ saltavam das páginas, evidenciando a profunda conexão entre o estado emocional e a escrita acadêmica.

Quadro 2 – Recorte do Portfólio

[...] Escrever é como desvendar um labirinto de sentimentos e ideias, onde a **insegurança** tece suas teias ao meu redor, às vezes criando um manto de dúvidas que me faz hesitar a cada palavra. Há momentos em que o **desânimo** tenta sussurrar, como um vento gelado, que minhas palavras não terão o impacto desejado. No entanto, é a esperança que se ergue como um farol, iluminando o caminho adiante, me lembrando que cada frase escrita é uma oportunidade para conectar, inspirar e provocar reflexões. É nesse ciclo entre incertezas e expectativas que o processo de escrita ganha vida, moldando minhas palavras com a intensidade de minhas emoções.

Fonte: Portfólio produzido na disciplina Oficina de Produção de Texto na Universidade de Brasília (UnB).

Esse tipo de avaliação de juízo de valor⁷ revela os momentos em que me senti mais aprisionada na escrita, quando a ansiedade se manifestava diante de tarefas acadêmicas desafiadoras. Mas também evidencia os momentos de crescimento e superação, nos quais a satisfação e o entusiasmo se tornaram palpáveis.

⁷ Para Fairclough, a avaliação de juízo de valor está associada à maneira como a linguagem é usada para expressar atitudes, avaliações e posicionamentos em relação a pessoas, objetos ou situações.

Fairclough argumenta que a linguagem é carregada de juízos de valor que refletem e reforçam relações de poder e ideologias. Esses juízos de valor não são meramente objetivos ou neutros, mas carregam consigo posições ideológicas e visões de mundo que podem influenciar a percepção e a interpretação do público/leitor.

O autor examina como esses juízos de valor são expressos através do uso da linguagem, como são incorporados nos textos e como contribuem para construir significados e moldar perspectivas. Ele destaca a importância de identificar e compreender esses juízos de valor para analisar criticamente como o poder é exercido e como as ideologias são perpetuadas por meio do discurso.

No meu excerto, a menção à insegurança, ao desânimo e à esperança ilustra sutilmente a dinâmica do poder: a **insegurança** retrata a vulnerabilidade diante das estruturas de autoridade, o **desânimo** representa a possível desmobilização frente a tais estruturas da escrita convencional, enquanto a **expectativa** indica a possibilidade de resistência e mudança. Esses juízos de valor refletem não apenas o estado emocional individual, mas também a influência do poder sobre as emoções e perspectivas, destacando como algumas ideologias⁸ podem ser inseridas e perpetuadas no discurso, moldando a forma como encaramos o mundo e nos relacionamos com as estruturas de poder. Nesse processo, identifico uma correlação com minha transformação como estudante formanda e prestes a ingressar no universo profissional das letras, em que esses sentimentos se entrelaçam com uma evolução identitária. Encarar essas emoções no contexto acadêmico não apenas moldou minha abordagem à escrita, mas também influenciou minha construção de identidade como futura profissional das letras, capacitando-me a desafiar e redirecionar essas influências em meu trabalho e prática profissional vindouros.

A avaliação efetiva-se em uma “escala de intensidade” (White, 2001). Os adjetivos e advérbios de juízo de valor, bem como os verbos referentes a processos mentais afetivos se mesclam em conjuntos semânticos de termos que variam de uma baixa intensidade até uma alta intensidade. (Fairclough, 2003. p. 158)

Essa análise também reforçou a importância da subjetividade na pesquisa e na compreensão de como as emoções podem influenciar nossa jornada acadêmica. As avaliações afetivas em meus textos tornaram visíveis as complexidades que envolvem a (re)construção da identidade acadêmica

⁸ A ideologia não se limita apenas a ideias políticas ou crenças, mas é vista como um conjunto de valores, crenças e representações que são socialmente construídos e que refletem e perpetuam relações de poder existentes na sociedade.

e como essa jornada é moldada por experiências emocionais. É fundamental reconhecer que não existe uma abordagem “correta” ou “errada” na escrita acadêmica, mas sim uma variedade de estilos que refletem a diversidade de identidades acadêmicas.

No entanto, é igualmente crucial entender que o reconhecimento e a compreensão da própria identidade da sujeita-escritora podem enriquecer e aprimorar a escrita acadêmica, independentemente do estilo adotado. Conhecer nossa voz nos permite questionar as ideologias presentes no discurso e, assim, resistir ao poder exercido através dele. Conhecer sua própria voz e perspectiva é fundamental para a autoria (Ivanič, 1998). Portanto, esta abordagem pessoal e sensível, que foi um caminho em que me encontrei, não apenas destaca a importância da reflexão emocional na escrita, mas também ressalta que a jornada de autodescoberta pode ser um passo significativo na construção de uma identidade acadêmica autêntica e sólida.

Quando, em uma das aulas de OPT, decidi escrever sobre o meu grande e doloroso rompimento de relacionamento, e por aí, escrevi milhares de textos melancólicos, pude *sentipensar* que o meu tipo de escrita é essa, é aquela que emociona e cativa o coração de quem lê.

Quadro 2 – Recorte do Memorial de Leitura

[...] Mas quero aqui, agora, falar de quando já é compreendido os significados de algumas palavras, mas elas são ressignificadas. Tudo muda, seu mundo fica tão mais colorido do que aquele cachorro-quente **melecado**. Amar agora recebe um nome e sobrenome. **Vai ser lindo. Borboletas na barriga** e tudo. Ainda existem borboletas, mas não são tão lindas quanto no começo...”

Fonte: Portfólio produzido na disciplina Oficina de Produção de Texto na Universidade de Brasília (UnB).

Cresci ouvindo comentários de que preciso colocar conectivos antes de qualquer parágrafo, atentar à repetição do pronome relativo ‘que’... Talvez, por isso me senti aprisionada nos primeiros textos, porque é difícil ignorar a violência presente na padronização da escrita, é difícil desistir de escrever “com muito molho” para “melecado”. Não foi fácil.

Quando escrevi o meu texto de Memorial de Leitura, demorei para pensar o que representaria a minha leitura de mundo. Logo, lembrei de cachorro-quente, apresentei minha *palavramundo*, em que de acordo com Freire as *palavramundo* são responsáveis para nomear os contatos iniciais do sujeito leitor do mundo em suas múltiplas dimensões.

[...] processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a

leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1997).

Quadro 3 – Recorte do Memorial de Leitura

[...] A palavramundo é um espaço de encontro, diálogo e construção coletiva de conhecimento, no qual a palavra é valorizada como instrumento de libertação. Todos, independentemente da escolarização, é capaz de atribuir uma vivência à palavramundo. Porque, afinal de contas, é possível afirmar que palavramundo tem mais conexão com o íntimo da pessoa do que a sua alfabetização.

Fonte: Portfólio produzido na disciplina Oficina de Produção de Texto na Universidade de Brasília (UnB).

Narrar esse percurso é uma descoberta, parafraseio aqui Letícia Gottardi (2023) enquanto leio, ou escrevo, também faço ciência e sou afetada pelas palavras. Em diálogo com Paulo Freire, interconexão entre a palavra escrita e a compreensão mais ampla do mundo ao nosso redor, nos possibilita ser sujeitos ativos na construção do conhecimento e na transformação das realidades que nos cercam. Nesse contexto, quanto mais escrevo, mais percebo que o tempo violenta as identidades dentro da academia.

A minha casa é extensão da minha corpa.
Articulo, cotidianamente, (re)toques, interações, falas.
O que falar? Falar de mim e quem deixo entrar?
Se não percebe isso, deve levar suas “coisas” e sair.
C A S A.

Parede, teto, porta, janela.
A janela é a melhor parte da casa, porque tem céu. (Gottardi, 2023)

Um texto é uma expressão concreta da dimensão discursiva das práticas sociais (Chouliaraki; Fairclough, 1999). Ele se torna a manifestação palpável das palavras e ideias que circulam em nossa sociedade. Essas construções textuais não são meramente conjuntos de palavras; elas têm o poder de causar impacto. Os textos desempenham funções diversas, dependendo do contexto em que são produzidos. Na universidade, por exemplo, eles podem assumir múltiplas formas e propósitos, cada um deles com seus níveis específicos de complexidade.

Assim, os textos não são apenas combinações de palavras; são ferramentas poderosas que moldam nossa interação com o mundo e servem como veículos de informação, persuasão e

construção de conhecimento, desempenhando um papel crucial em nossa vida cotidiana e em ambientes acadêmicos e sociais mais amplos.

Trago, agora, as trocas de ideias com outra discente, ela será designada pelo nome fictício de Morgan, que partilhou suas percepções sobre a escrita de si e (re)construção da identidade no cenário acadêmico.

Nossa troca de ideias revelou perspectivas enriquecedoras sobre os desafios da autoria criativa na academia. Morgan compartilhou suas experiências e visões sobre a falta de autoria na escrita acadêmica, bem como suas abordagens para enfrentar essa questão.

Num cenário (pouco) convencional – rede social –, nos reunimos para discutir a obscura sombra que, muitas vezes, paira sobre nossos textos acadêmicos: a falta de autoria. Não seguimos o roteiro de uma entrevista padrão, mas escolhemos explorar nossos pensamentos e experiências de maneira única, como numa conversa de amigos.

Morgan, em um determinado momento, compartilhou sua sensação de que suas palavras foram abduzidas por manuais de estilo acadêmico, como se sua voz tivesse desaparecido. A expressão de sua frustração ficou registrada em um de seus textos: *“Escrevendo mais uma vez na escuridão das regras acadêmicas. Minha voz se perde em meio à formalidade.”*

Entretanto, a escrita junto à criatividade nem sempre é uma estrada fácil. *“Hoje, eu me pergunto se a expressão pessoal tem seu lugar na academia. As normas parecem intransigentes.”* São notórios os desafios de expressar sua singularidade e autenticidade em meio a um ambiente acadêmico que valoriza a objetividade. Durante a nossa conversa, apontamos como as expectativas acadêmicas frequentemente desencorajam o uso de pronome de primeira pessoa e a expressão de sentimentos e opiniões pessoais.

A autoria criativa nos abriu as portas da liberdade de expressão, permitindo-nos experimentar com diferentes estilos e vozes. No entanto, quando retornamos à escrita acadêmica, muitas vezes, somos aprisionados por estruturas predefinidas, sufocando nossa autenticidade como autores. Na escrita acadêmica convencional, essa voz pessoal muitas vezes é atenuada ou subjugada em prol de uma suposta neutralidade e objetividade. Essa tensão reflete a complexa relação entre a identidade do autor e as convenções da escrita acadêmica, um tema central nas discussões sobre autoria na academia.

Morgan apontou a importância do trabalho feito a disciplina, por meio da leitura ativa, analítica e crítica, bem como de escrita autoral espontânea, que a autora Juliana Dias descreve como

A única regra desse exercício é não parar de escrever, você não pode ficar pensando na palavra ‘certa’, no que você vai dizer, se está bom ou se está ruim... não vale fazer nenhum tipo de avaliação ou julgamento durante a escrita. O foco é apenas escrever. (Dias, 2023. p. 16)

É uma estratégia que permite uma expressão imediata e genuína de nossas ideias. Para Morgan, a formalidade da escrita acadêmica, por outro lado, frequentemente nos inibe, nos fazendo esquecer o valor da espontaneidade na expressão.

Entramos, então, nos temidos marcadores linguísticos, os quais foram explorados na disciplina de uma forma mais pessoal e expressiva, mas, como já foi ressaltado, na escrita acadêmica tradicional, essa linguagem muitas vezes é suprimida em nome da objetividade. Essa supressão contribui para a falta de autoria, uma vez que a linguagem pessoal é frequentemente negligenciada. Essa observação feita pela Morgan, sobre a supressão dos marcadores linguísticos mais pessoais na escrita acadêmica tradicional, encontra respaldo em diversas abordagens teóricas que destacam a importância da linguagem na expressão da identidade do autor. De acordo com os princípios da ADC, por exemplo, a linguagem desempenha um papel fundamental na construção e negociação da identidade (Fairclough, 2013). Em contextos acadêmicos, a objetividade muitas vezes é valorizada, levando à padronização e à eliminação de traços pessoais da escrita.

Por fim, essas reflexões nos convidam a repensar a forma como abordamos a autoria na academia. À medida que consideramos nossas experiências pessoais e as lições aprendidas na disciplina, vislumbramos um caminho em direção a uma escrita acadêmica mais autêntica, diversificada e rica em identidade.

4. CONCLUSÃO: ELOS DE AUTORIA

Encaminhando para o final, entendo que essas reflexões levaram-me a reconhecer os desafios da escrita acadêmica convencional. Nunca é apenas palavras ou sentimentos inapropriados para a academia. Nunca são ‘erros’, podemos mudar nosso olhar perante nossos erros, abrindo em nós uma fenda criativa (Dias, p. 17).

Ao chegar ao final desta jornada de exploração da (re)construção da identidade por meio da escrita de si no contexto acadêmico, as reflexões que emergem são profundas e inspiradoras. Esta

jornada me levou a questionar, desafiar e, finalmente, abraçar a complexidade dessa busca por autoria na academia.

Assim como a Lua não desaparece
completamente,
nossa busca por autoria criativa e identidade acadêmica
não se extingue.
Em vez disso, podemos aproveitar as lições das fases
anteriores para
ILUMINAR
nosso caminho futuro.

A autoria na esfera acadêmica vai além da simples produção de textos; ela é um ato de construção identitária, uma expressão autêntica da individualidade em meio às normas e convenções. Minha jornada também me levou a explorar a (auto)etnografia, uma abordagem metodológica que integra o pessoal e o acadêmico. Conforme Claudio Moreira e Marcelo Diversi (2017) argumentam, a (auto)etnografia oferece uma perspectiva única para analisar nossas experiências pessoais e como elas se entrelaçam com nossa identidade acadêmica. A (auto)etnografia emerge como uma abordagem que permite a exploração profunda dessa complexidade, enquanto a resistência à padronização e a busca pela autenticidade se tornam elementos-chave na (re)construção da autoria no ambiente acadêmico.

Neste estudo, minhas reflexões finais me instigam a apelar à colaboração e à reflexão coletiva sobre autoria e identidade na academia. É sempre importante destacar a importância de compartilhar experiências e perspectivas, criando um espaço para o enriquecimento mútuo e para a construção de um ambiente acadêmico mais diversificado e inclusivo.

As estratégias de escrita acadêmica-científica, sob um viés que enfatiza a autoria e a reflexão, principalmente por meio da criação de portfólios, emergem como uma abordagem educacional alternativa capaz de promover o fortalecimento da identidade, a qual está intrinsecamente relacionada com a estrutura social e as transformações sociais, e o avanço nos aspectos acadêmicos, profissionais e pessoais.

Por fim, a (re)construção consciente da identidade acadêmica reside na capacidade de humanizar o discurso acadêmico, de torná-lo acessível, relevante e enriquecedor para todos os envolvidos. Este processo não é apenas uma jornada individual, mas uma transformação coletiva e cultural no nosso cenário. Por isso, como a Lua continua seu ciclo, assim também continuamos nossa jornada de autodescoberta no contexto acadêmico.

A vocês, minha carta:

Brasília, 11 de novembro de 2023.

Querida eu-criança,

Espero que esta carta encontre você bem, cheia de curiosidade e prontidão para explorar o mundo. Lembra daqueles primeiros encontros com a Senhora Gramática Normativa? Ela parecia tão imponente naquela época, como uma guardiã das regras que moldam as palavras e as frases. Sei que aquilo te deixava um tanto perplexa, pensando se cada palavra estava no lugar certo, se as vírgulas estavam exatamente onde deveriam estar.

Mas sabe, é importante lembrar que as regras que a Senhora Gramática ensinava não eram donas absolutas da linguagem. Elas são como guias, ajudando a trilhar caminhos claros para a comunicação, mas não são a única maneira de se expressar. As palavras têm vida própria, e é incrível ver como podem dançar em diferentes contextos, carregando emoções, pensamentos e histórias.

Então, não se preocupe tanto em seguir cada regra à risca. A *impessoalidade* que ela sugere pode ser útil em certos momentos, mas não se esqueça da sua voz, dos seus *pensamentos* e sentimentos que quer compartilhar. Permita-se explorar, experimentar com as palavras, brincar com elas. Deixe sua imaginação voar e sua criatividade fluir. A linguagem é um mundo vasto e diversificado, cheio de nuances e beleza, e você tem o poder de explorá-lo de maneiras únicas.

Continue aprendendo, absorvendo conhecimento, mas não se esqueça de que as palavras são suas aliadas, não suas carcereiras. Deixe que elas sejam a ponte entre seus pensamentos e o mundo, e verá como podem transformar-se em algo mágico.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity. Rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- DENZIN, N. e LINCOLN, Y. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. IN: ____ e col. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41.
- DIAS, J. COROA, M.L e LIMA, S. **Criar, resistir e transgredir: Pedagogia Crítica de projetos e práticas de insurgências na Educação e nos Estudos da Linguagem**. Dossiê temático: Cadernos Linguagem e Sociedade, 2018, pp29 - 48.
- DIAS, J. F. **Leitura e Produção de Textos**. ed. Contexto, 2023.
- DIVERSI, M. MOREIRA C. **Autoethnography Manifesto. International Review of Qualitative Research**. 2017;10(1):39-43. doi:10.1525/irqr.2017.10.1.39
- ELLIS, C., ADAMS, T. E., & Bochner, A. P. (2011). **Autoethnography: An overview**. Forum: Qualitative Social Research, 12(1), 1-12.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001a (2008 – reimpressão).
- _____. **Analysing discourse. Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 77^a. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021a.
- GIROUX, H. **Professores como intelectuais – Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Trad. D. Bueno. Porto Alegre: Artes Médica, 1997.
- GOTTARDI, Leticia. **(Des)caminhos na escrita de si: pinceladas construídas sobre/em/com trabalhos de conclusão de curso em letras**. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias. 2023. Disponível em <<https://www.btdt.ueg.br/handle/tede/1243>> Acesso em 12 de setembro de 2023.

Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. (1997). **Halliday's Introduction to Functional Grammar** (3rd ed.). London: Routledge.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MAGALHÃES, I; MARTINS, A e RESENDE, V. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

RAIMONDI, Gustavo Antonio et al. A autoetnografia performática e a pesquisa qualitativa na Saúde Coletiva:(des) encontros método+ lógicos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia: uma introdução à arte de inventar histórias**. 11. ed. São Paulo: Summus, 1973.

SOUSA, Vânia. **Cursos e percursos de professoras em formação continuada: autoria, identidade e protagonismo em transformação**. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL/UnB). 2022. Disponível em <<http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/45345>> Acesso em 27 de setembro de 2023.